

# PIM PAM PUM



Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 11 DE ABRIL DE 1940

N.º 741

## O árabe misterioso



**M**ARSELHA, a grande cidade do sul da França, resplandecia de luz, dourada por um sol de Maio.

Perto do cais, num dos numerosos botequins ali existentes e onde, geralmente, se juntam as tripulações dos navios ancorados no porto para, com cervejas e limonadas refrescaram a garganta seca, três homens abancados a uma mesa de dimensões reduzidas, conversavam, enquanto bebiam, a pequenos goles, um refresco que o criado acabava de trazer.

Um desses homens aparentava ter cerca de quarenta anos; era de tez morena e feições energicas. Dos outros dois, um era gordo e calvo, outro magro e orgulhoso, com a particularidade de ser o mais alto de todos.

Olhando na direcção do mar, o indivíduo que nós acima citamos, ficou-se durante momentos a ver o movimento do porto, como de costume atulhado de navios, desde os pequenos barcos aos grandes paquetes. Precisamente naquele momento, um vapor, iluminado por um rai de sol, afastava-se lentamente do cais, naturalmente dando inicio a alguma viagem a países longínquos e misteriosos. O homem acabou por vê-lo desaparecer; depois, voltando-se para os companheiros, disse:

— Repararam naquêl navio que

partiu agora? Já nêl fiz uma longa viagem...

O indivíduo calvo bebeu mais uma gotada de limonada e, voltando-se para o que acabava de falar, interrogou, curioso:

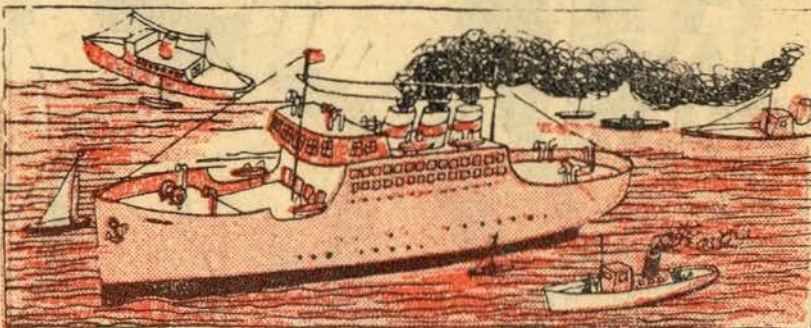
— «Uma longa viagem? Ora conta lá isso, «Martin».

— «... e na qual me succedeu uma aventura curiosa, mas trágica.»

bordo do «Gasconha», um moderno barco que me conduzia a Hong-Kong em viagem de negócios. Levava até uns documentos, em troca dos quais ia receber cerca de quatrocentos mil francos.

«Alguns dias depois, após uma viagem que posso considerar agradável, chegámos a «Ori-Said».

«Vocês sabem: mal um navio ali



— «Oh! Cada vez me interessa mais essa história. Venha ela!»

E, com a aprovação do terceiro bebedor, o que dava pelo nome de «Martin» — (Lulz Martin) — começou:

— «Há cerca de quatro anos, por uma tarde parecida com esta, eu via Marselha desaparecer no horizonte, de

fundela, rodeiam-no barquinhos tripulados por pretos de langa, à espera de moedas, ou arabes, egípcios e indios mostrando sedas, tapeçarias e outras preciosidades do Oriente, que um europeu gosta sempre de comprar para trazer como recordação, ou até como real valor. Com o «Gasconha» succedeu o mesmo. E eu aproveitei o espectáculo para me distrair um pouco, e procurar não sentir tanto o calor sufocante que fazia. Mesmo assim, era obrigado a beber refrescos sobre refrescos e foi com verdadeiro alívio que eu, ao fim de dois dias, ouvi dar o sinal de partida, começando logo a massa flutuante a afastar-se daquelas terras que separam, por assim dizer, o Occidente do Oriente.»

Entramos no Canal de Suez e, depois, passamos ao Mar Vermelho, côr que eu nunca lhe vi, a-pesar do nome.

O «Gasconha» levava agora mais um passageiro, um árabe que embarcara em «Ori-Said» e que, como eu, se dirigia a Hong-Kong. Bastante conversador e comunicativo, rapidamente conquistou a simpatia de todos que iam a bordo, falando o irançês com a mesma naturalidade de qualquer de nós.

— «Conheço a França — (disse-me ele um dia) — vivi lá bastante tempo. Lindo



país e linda língua. Aprendia-a com facilidade.»

Acrescente-se a isto que se chamava Kafi Bey e era tudo quanto sabíamos a seu respeito.

Nesse mesmo dia, senti uma ligeira indisposição, e recolhi mais cedo ao beliche. Deitei-me e, caso raro, adormeci quasi imediatamente, num sono de chumbo, do qual só despertei na manhã seguinte, já sol claro.

Isto pareceu-me pouco natural, e ainda mais admirado fiquei quando, ao abrir a minha mala de viagem — uma mala de couro, cuja chave eu guardava num bolso interior do casaco — pareceu-me notar mudança no lugar dos objectos, que eu tinha o cuidado de arrumar convenientemente.

Com um estranho presentimento, procurei os documentos de que já falei mas, felizmente, elles lá estavam, embora fóra do sítio em que os deixara.

Tive quasi a certeza de que alguém penetrara, de noite, no camarote e que, aquelle sono profundo fóra resultado de algum narcótico preparado por mão criminosa.

Resolvi, no entanto, calar-me sobre o sucedido, e passei a tomar certas medidas de precaução, procurando descobrir o intruso. Porém, o «Gasconha»

por esse labirinto de becos dada a possível aparição de algum grupo de «ric-chôs» que causa sempre inquietação, pois é sabido que os escriptulos desses ladrões são pouco recomendáveis.

Dito isto, compreende-se que o meu amigo insistisse para que um guia me acompanhasse, servindo ao mesmo tempo de socorro em caso de ataque aos quatrocentos mil francos que levava. Eu, porém, julgava-me seguro e sufficientemente defendido por um revólver que trazia na algibeira das calças e recusei, obstinadamente, tomando logo o caminho da casa onde estava hospedado, e que ficava na parte norte da cidade.

Mas estava escrito que me havia de arrender. Assim, ainda não tinham decorrido dez minutos, vi três vultos que, surgindo bruscamente, duma esquina, saltaram sobre mim.

Vocês sabem quanto os chineses são rápidos no golpe. Antes que eu tivesse tempo de fazer uso da arma, estava estendido por terra, com uma pancada vibrada na cabeça. Confusamente, senti que introduziam uma mão no bolso que guardava os quatrocentos mil francos e retiravam o dinheiro. Com esforço, consegui abrir os olhos e, ao reconhecer o rosto debruçado para

muito que a policia se interessasse, o certo é que até a véspera do dia da minha partida para a Europa, ninguém conseguira pôr a vista em cima do misterioso árabe ou dos seus cúmplices. Tinham desaparecido com se a própria terra os tragasse.

E, concluidos mais alguns negócios em Hong-Kong, resolvi regressar a França, sem esperança de reaver o dinheiro roubado.

Preparei as malas e, chamando uma «cadeirinha», tomei a direcção do cais. Havia grande movimento nas ruas e graciosos carros de duas rodas corriam velozes, puxados por «cules» de pernas vigorosas. De repente, a minha atenção fixou-se sobre um «gerinchá» que seguia um pouco mais à frente e, ao atentar no rosto do seu occupante, a minha commoção foi tão forte que não me contive e soltei uma exclamação: — «Kafi Bey! O ladrão!»

Era, de facto, o árabe do «Gasconha», o mesmo que me atacara e roubara há poucos dias e que, ao ouvir o meu grito, se voltou com uma expressão de ódio no rosto. Curvou-se, e disse qualquer coisa ao «cule» que partiu mais rápido.

Eu fiz o mesmo, e a «cadeirinha» correu em sua perseguição. Pelo caminho chamel dois policiaes chinas que, sem bem compreenderem o que eu queria, puseram-se ao meu lado, correndo.

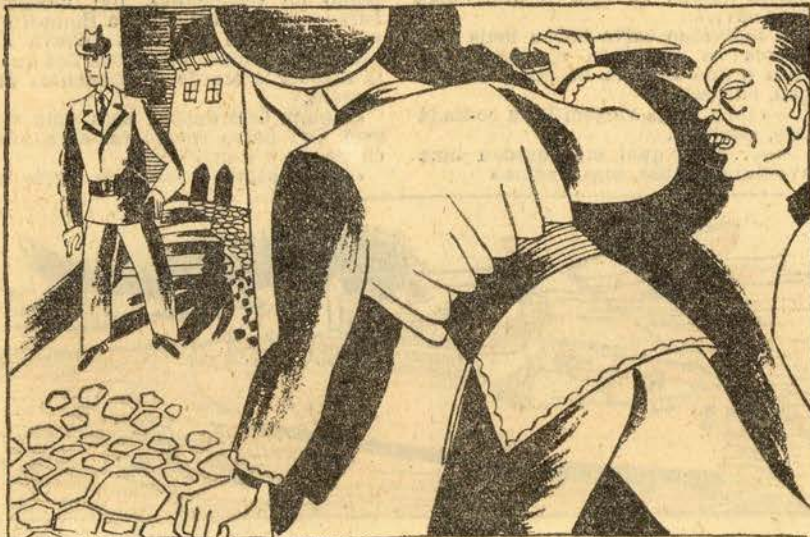
O «gerinchá» voltou à direita e internou-se no bairro china de Whitty Street, tomando um beco íngreme que conduzia à cidade baixa. De súbito, vi-o parar, Kafi Bey apiar-se de um salto e correr para uma escada de corda colocada na frontaria duma casa e que se encontrava all, naturalmente, para favorecer algum plano de fuga.

Porém, na sua precipitação, o ladrão desequilibrou-se e, perdendo o apoio, veiu cair nos nossos braços. Estava feita a sua captura.

Para terminar, dir-lhes-ei que só recebi metade do dinheiro roubado, pois o patife dera caminho à outra metade. Além disso, tinha tanto de árabe como eu. Era um célebre ladrão internacional já procurado pela policia. Confessou que, de facto, entrara no meu camarote do «Gasconha» enquanto eu dormia profundamente, mercê duma droga preparada por elle e que ficando a saber que eu ia receber uma importante quantia em dinheiro, passara a seguir-me, preparando ao mesmo tempo a emboscada, na qual, como vocês sabem, teve lugar o roubo.

E eis concluida a minha aventura.

Jorge Sárria



chegou a Hong-Kong sem que qualquer novidade modificasse a situação, e eu esqueci o incidente.

Despedi-me do árabe com promessa de novo encontro e, dois dias depois, ia receber os quatrocentos mil francos à sede duma companhia inglesa, cujo director era meu amigo íntimo e com o qual me entretive a conversar, trocando impressões da viagem e falando sobre os mil e um assuntos que nos oferece aquele Oriente ainda misterioso.

O certo é que, quando me dispus a retirar, eram onze horas da noite.

Ora Hong-Kong é tão movimentada de dia quanto silenciosa e só durante a noite. Exceptuando alguns grupos de marinheiros estrangeiros, que andam pelas ruas passeando antes de regressarem a bordo, pode-se dizer que toda a população se recolhe cedo, e a cidade recai num silêncio sinistro, povoada de penumbras onde parecem vegetar fantasmas, que na realidade não são mais do que sombras provocadas pelos contornos pitorescos das casas.

Mas um europeu, pouco habituado aos costumes orientais, sente-se sempre constrangido ao caminhar sozinho,

mim, soltei um som rouco e tentei erguer-me.

Nova pancada, porém, fez-me desmaiar de vez.

O ladrão era, nem mais nem menos, Kafi Bey, o árabe do navio.

Por mais esforços que eu fizesse, por

● ● CORRESPONDENCIA ● ●

Mariana V. P. — Odemira. — Descansa que foi entregue. Desculpa não ter respondido logo. Serão publicados a seu tempo.

Fernando e Raimundo. — Palavrinha que vocês são bastante reinadios. Será feita a vossa vontade, muito brevemente.

Marcelinha. — Gostaria de ser-te agradável mas não é possível, por falta de espaço. Sugere outro alvitte.

Pechinchão. — Os teus pedidos serão satisfeitos em parte. No todo não é possível. Nunca incomodas.

Manuela Taveira. — Arganil. — Se os desenhos forem bons, serão publica-

dos. Só à vista deles poderemos informar-te.

Rosa Branca. — Os teus versinhos estão a pedir muletas. Tenta a prosa, Pedrinho Lemos. — Vamos tentar satisfazer o teu desejo, mas terás de aguardar ocosião propicia.

Três Marias. — Na secção do Cestinho da costura, brevemente encontrarás o que pedes.

Agapito de Oliveira. — O assunto não interessa. Este suplemento é destinado às crianças e não aos adultos.

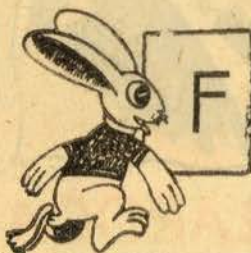
Vosso amigo

TIO PAULO

UMA HISTORIA VERDADEIRA

Nos segrêdos dos cabos submarinos

Por LORD-ZINHO



Oi apenas há duas semanas que isto aconteceu.

Minha filha Jeanne, fazia nêsse dia oito anos de idade.

Como é habito, convidou algumas das suas amiguinhas para passarem consigo essa data festiva, e um garoto, muito inteligente e de bonitas maneiras, que reside no nosso prédio e com quem ela, às vezes, também costuma brincar.

A petizada deu largas á sua alegria e se não fôsem algumas repreensões, ligeiras, benévolas mas indispensaveis, marcaria êsse dia uma data memorável de grandes diabruras em casa de Jeanne.

À tarde, e aqul começa o grande interêsse desta narrativa verdadeira, vejo um telegrama de um tio de Jeanne que actualmente vive na América do Sul.

Pierre, o tal menino de que já lhes falei, além de ser muito cortez e obediente, é também muito estudioso.

Encontrando-se numa idade em que os seus antigos sol-



Para isso, aproveitariamos o resto da tarde, cheia de sol, para irmos visitar uma estação de telegrafia submarina, que existe próximo da nossa cidade.

Pierre e Jeanne haviam de gostar, tenho a certeza, porque lá iriam encontrar as mais fortes emoções.

Nos aparelhos destas estações, passam milhares de telegramas com os mais extraordinários segrêdos.

Uma estação de Cabos Submarinos é como um teatro de grandes aventuras, desde a noticia que faz perder ou ganhar fabulosas fortunas, até aos maiores segrêdos das nações em guerra.

Um simples telegrama pode meter a pique um submarino, bloquear um grande cruzador ou até provocar a derrota de uma esquadra completa.

Pierre e Jeanne arregalaram muito os olhitos cheios de curiosidade.

Explodiram o seu entusiasmo batendo palmas de contentamento.

Terminada a festa e, cumprindo a minha promessa, lá partimos para a entusiástica visita.

Dirigimo-nos á estação e tomámos o comboio eléctrico que, em poucos minutos, nos transportou ao nosso destino.

Descemos. Ao fim de uma linda estrada, dentro de um espesso pinhal, ergue-se um belo edificio.



dados de chumbo já não têm cabeça e o seu velho cavalo de papelão foi, num gesto de bondade, oferecido a qualquer garoto pobre que lhe bateu á porta, Pierre tem, como é natural dos seus dez anos, uma grande vontade de aprender.

Quando chegou o telegrama, e soube que vinha do Brasil, Pierre abriu muito os olhos numa grande admiração.

Abismado, ficou alguns momentos a pensar como tinha sido possível aquele fenómeno?...

Não atinando com uma explicação que o satisfizesse, fez-me esta pergunta:

— «Como foi possível que êste telegrama, vindo de tão longe, chegasse aqui tão rapidamente?!...»

Achei interessante e acertada a pergunta de Pierre. Jeanne ficou-se também a olhar para o papel e a pensar se nao seria uma obra de fadas com as suas varinhas de condão ter chegado ás nossas mãos um telegrama com palavras escritas por outra pessoa, duas horas antes, a uma distancia de multos milhares de quilómetros!

Prometti-lhes que, depois da pequenina festa que se estava a realizar, lhes explicaria o que tanto desejavam saber.



Pierre e Jeanne olharam para êle como se fôsse um palácio encantado.

Logo começaram a dar largas á sua imaginação, certos de irem encontrar, lá dentro, as mais mais fortes emoções.

E assim sucedeu — (conforme mais adiante lhes hei-de contar) — pois chegamos a estar envolvidos numa aventura em que fomos perdendo a vida!

Mas comecemos pelo principio.

Eu quero fazer-lhes esta narrativa com todos os pormenores de tudo o que nos sucedeu para os meus leitorzinhos terem a impressão de que acompanharam Pierre e Jeanne na sua tormentosa aventura.

Estamos juntos da grande porta de vidro que dá entrada á estação da telegrafia submarina.

Como esta porta não se abre para tóda a gente, eu tive o cuidado de pedir uma autorização especial que só consegui com grande esforço.



(Continua na página 7)



## FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

APRESENTAÇÃO por NICOMARY

Leitor amigo:

Aqui tens o FAJOCA!

Não precisa de mais nomes. E assim que o tratam em família e é assim que o conhecem na escola. E assim, pois, que o ficarás conhecendo!

É bom rapaz, destemido, arguto e decidido. Cheio de boas qualidades, portanto.

Serve às mil maravilhas para herói da nossa novela que, afinal, não é mais do que uma narrativa verdadeira, embora um pouco fantasiada, da vida dum rapaz que conheci.

Se quiseres acompanhar o desenrolar das várias peripécias que se vão seguir, verificarás que não exagerei nas qualidades que lhe atribuí. Mas... enfim!... Temos mais de quem falar antes de dar começo à história cujas personagens me propus apresentar-te hoje.

Prossigamos, pois: Eis a PATACHOCA! E esta. O seu nome define-a! Quási diz tudo! Falta, porém, dizer

que é irmã de Fajoca, que são muito amigos e... que ela é uma grande desastrada, além de outras coisas que mais tarde saberemos. No que é preciso, todavia, assentar, é nisto:—O nome está-lhe a matar!... Senão, veremos!...

—«E ainda há mais alguém?»—preguntarás tu, curioso.

Certamente que sim, meu amigo!... Então porque havíamos de ocultar o avô de ambos:—CARALAROCA, cuja vera-efígie aqui reproduzimos!...

Que tal o achas? Alegre? Sem dúvida!... Os seus bigodes infundem-te respeito? Porque não, se ele, como qualquer pessoa já de certa idade, merece toda a nossa consideração?!...

A sua calva não é motivada por doença mas, antes, o resultado dos anos que sobre ele têm passado.

—«O quê?... Já está assim tão velho?»—preguntarás tu, ainda.

Pois verás, meu amigo! Quando se possui um espírito como o de CARALAROCA, nunca se envelhece!... Tudo este homem resolve sem jamais per-

der a calma nem o seu precioso bom humor! E que companheiro!... Sempre pronto a dar um bom conselho, a resolver qualquer dificuldade! Enfim:—Um autêntico «caralaroca»!...

E agora que já sabemos, de maneira sucinta, é certo, quem são os três principais e inconfundíveis personagens da nossa nova história, a qual, repito, embora um tanto fantasiada, como não podia deixar de ser, tem todos os visos de verdade (os nossos «heróis» foram crismados pelas razões que todos compreenderão), preparemó-nos para assistir, interessados, ao desenrolar deste autêntico filme de aventura.

O episódio com que encetamos a narrativa será já publicado no próximo número e faz parte do capítulo intitulado «A casa abandonada da rua Escura».

Que tal achas o título? Sugestivo? Pois, para a semana, verás que não te enganaste!...

E, até lá, paciência!... Para tudo é preciso tempo...

## PECHA ANTIGA

Por LAURA CHAVES

Juntaram-se os bichos todos numa grande reunião e com berros e maus modos foram ter com rei leão. Desde a formiga à carriça tudo pedia justiça.

Iam numa efervescência pugnar pelos seus direitos. Queriam mudar de aparência por se acharem imperfeitos. E no meio do tropel começou o aranzel.

Falou primeiro o macaco: —«Rei Leão, passo sarilhos por o meu lato ser fraco. Ou me deitam uns fundilhos



ou então tapem-me o calo com umas penas de galo.»

A seguir, disse a galinha com mo'os muito insolentes: —«A mim, o que me convinha era no bico ter dentes como o rato roedor porque comia melhor.»

O porco, êsse, então, grunhia danado com tanta banha: —«Eu quero ser como a enguia que é ágil, ninguém a aoanha. Já prestei muitos serviços... Quem quiser que dê chouriços!

Depois ouviu-se o pavão, abrindo a forte goela, exigir do rei Leão



umas patas de gazela... Pois achando os seus pés feios cobiçava os pés alheios.

Veio o boi, veio o «pirum», vieram peixes do mar, ali não faltou nenhum, tudo veio reclamar. Só não veio o elefante por se achar muito elegante.



**C**OMO sempre, a discussão havia estalado sob um pretexto fútil. Desde as primeiras palavras que os dois negros se tinham pegado. E, agora, acabavam de rolar no chão, entrelaçando-se num abraço feroz.

Nenhum dos seus companheiros os tentou separar, nem tão pouco reconciliá-los.

Esta luta ardente constituía, para o grupo, um espectáculo gratuito, ao qual eles se prendiam com todo o interesse, formando um círculo à volta dos combatentes.

Eram uns trinta, talvez, que estimulavam os companheiros em luta, que os excitavam sem reboço um contra o outro. E mais ninguém trabalhava naquele lado da plantação. Eles tinham abandonado a construção dum grande hangar, para os ir vêr. Tanto os espectadores, como os lutadores, eram indígenas Biribris, os negros da república da Libéria, hercúleos e por vezes vingativos. Eles viraram resolutamente as costas à lagoa do Mesorado, na linha verde do oceano, limitando o horizonte, e olhavam estes dois homens que se batiam, um pouco como os malafos quando assistem, nas suas ilhas, aos lendários combates de galos.

Os dois negros batalhavam sempre no meio de uma nuvem de poeira. Fe-

lizmente, o regulamento da plantação proibia, aos trabalhadores indígenas, trazerem qualquer arma, pois, deste modo eles ter-se-iam apunhalado desesperadamente, há já muito tempo. Disputavam-se continuamente, e aquilo acabava sempre assim, rolando no chão como as bestas ferozes, entrelaçando-se com toda a força, com os seus poderosos braços, socando-se valentemente e não desdenhando, na primeira oportunidade, de se morderm e arranharem. E já não era a primeira vez que lhes acontecia arranharem-se assim e olharem-se ferozmente. Mas, de repente, notou-se um grande movimento entre os Biribris, que cessaram de gritar, como de costume, provando o seu contentamento. Este silêncio insólito, surpreendeu os dois adversários, que se lançaram ainda uns segundos e se levantaram em seguida. Depois que o círculo dos Biribris foi quebrado, todos os indígenas se isolaram silenciosamente afastando-se com respeito e consternação: — o Senhor chegava...

Era efectivamente um branco que se aproximava, ar enérgico, o rosto duro, fazendo assobiar o seu chicote de couro, no ar pesado. Efectuava uma volta de vigilância através do seu imenso domínio e todo este tumulto, atropelamento final sobretudo, não lhe tinha podido escapar; imediatamente, ele descera do seu cavalo, deixando o inteligente

animal errar à sua volta e pusera-se a observar o grupo a dez metros da luta. Aproximava-se, agora, e, enquanto dispersava os indígenas, berrava, subitamente irritado, furioso: — «Alto! Esperai um pouco! Eu também vou entrar na contenda!»

Os dois combatentes separaram-se e estavam de pé agora, diante do seu senhor. Este pôs-se, então, a injuriá-los, a seu modo, sabendo quanto os negros são sensíveis às imagens, e, é preciso dizê-lo, aos insultos. Depois, no meio da calma restabelecida, indagou:

— «Vejamos! O que houve aqui?»  
Todos os Biribris se puzeram a falar ao mesmo tempo!

— «Silêncio!» (tornou Jimmy Clarks,) o dono da plantação.

Era um inglês, agastado pelos anos, que estivera na colónia e que não graçava nunca!

— «Exalcal-vos, um por cada vez mas depressa! Tu primeiro, Jokambo.»

O Biribris designado, disse então que o seu adversário o havia chamado mentiroso...



— «Porquê?»  
— «Porque eu tornei o seu coqueiro, maldito!»

— «E o que alegas tu, em tua defesa, Waladí?...»

Mas lá o segundo Biribris intervinha, contando a coisa a seu modo:

— «Jokambo não tem o direito de amaldiçoar uma árvore! Ele não é bruxo! E eu não quero crer, e continuarei sempre a fazer a festa de baixo do mesmo coqueiro!»

— «Está bem, Waladí! Eu vou mudar-te de grupo, visto que tu e Jokambo não se poderão nunca entender!»

E na verdade, pois que, entre estes dois negros, as discussões estalavam, tornando-se consecutivamente em disputas e terríveis contendas.

Jimmy Clarks que queria ter sempre a sua consciência tranquila, recomençou o interrogatório:

— «Como é que o Jokambo pôde tornar um coqueiro maldito?»

Ele sorria. Mas os Biribris não faziam a mesma coisa, tomados de uma terrível crença supersticiosa. Para o futuro, nenhum, dentre eles, seria capaz de ir dormir à sombra do coqueiro em questão! E Waladí explicava muito sério:

— «E' o quinto coqueiro lá em baixo, partindo do «bengalaw». Eu tenho o hábito de ir fazer a sesta à sua sombra, quando os contra mestres dão o trabalho por terminado. Pois Jokambo

— «Tanta inveja! Isso é maleita! (disse o Leão)—Que entremês! Pois nenhum de vós aceita ser tal como Deus o fez! Além duma Ingratidão a Inveja é feia acção.»

Combater tal parvoíce quasi não serve de nada. Sempre haverá quem cobice uma camisa lavada... Pois desde Abel e Caim que a Humanidade é assim.



E rematou, fracundo, num ronco que a raiva alicia: — «Ai que bom seria o mundo sem a pecha da cobiça!» Abanou com força o rabo e mandou-os ao diabo.



tornou a árvore tabú, só para me aborrecer!  
— «E como é que êle fez? tornou.

— «Ele queimou à volta do tronco do coqueiro, umas ervas especiais colhidas por êle na floresta, a-fim de

fazer entrar o mau espirito na árvore... Se eu fôr, um dia, ao interior, (Continua na página 8)

# QUEM FAZ MAL espere outro tal

Por MARIA AMÉLIA BARCIA



**A** Mimi tinha dois gatos, Um preto, e outro branquinho, Que tratava com desvelos De ternura e de carinho. Não iam à caça aos ratos, Dormiam sobre os divãs; E aquilo era um gosto vê-los Beber, tôdas as manhãs, Farta tijeta bem cheia De leiteinho açúcarado, Que a Mimizinha, em pessoa, Preparava com cuidado.

Se acaso, por sorte feia, Faziam qualquer distate, Era certo e confirmado Que a petiza sempre boa Perdoava o disparate. E, enfim, eu posso afirmar, Sem medo de me enganar, Jurando a fé de quem sou, Que estes bichanos ditosos eram os mais venturosos Que Deus ao mundo deu.

Mas, sentença bem sabida, Como tudo nesta vida, Peca por qualquer senão, Um era bom, delicado, O outro mau e glutão. Branquinho — quem tal diria Ao vê-lo côr da pureza?! — Era o retrato acabado Da inveja e da avareza. O quinhão do companheiro, Sempre melhor lhe parcia E aquilo ate rebentava, Quasi de inveja estolrava Quando não era o primeiro A provar qualquer pitêu...

Com o seu pêlo eriçado, Miava tanto, Deus meu! Que o pobre preto, assustado, — O' patas p'ra que servis?! — Fugia p'ra qualquer canto, A chorar amargo pranto Por sua sorte infeliz.



Ora, um dia, aconteceu... — Sempre na vida acontece Qualquer coisa que parece Ser um aviso do Céu — Mas, como eu ia dizendo: Num certo dia, a Mimi Foi repartir à cozinha A bela e fresca sardinha, Viva da costa, a saltar. — «Seis a este, seis a ti...» E eis os bichanos comendo De papinho regalado.

Amigo preto, coitado, Aceitou sem reffilar O quinhão que lhe coubera.



Quanto ao branquinho, — pudeta! — O caso fôu mais fino, Olhem que maldade aquela! Vejam que falta de tino! Deitava cada olhadela Ao prato do seu vizinho, Que logo mostrava ser Um invejoso a valer, Sem alma nem coração.

— «Tratante — pensou, então, Olhando o pobre pretinho — — só queria ver-te engasgado Com o peixe atravessado Nessas malditas goêlas, Que eu, então, sem mais aquelas Ia-me ao teu prato, amigo, E à tua bela sardinha Zi...! chamava-lhe um figo!»

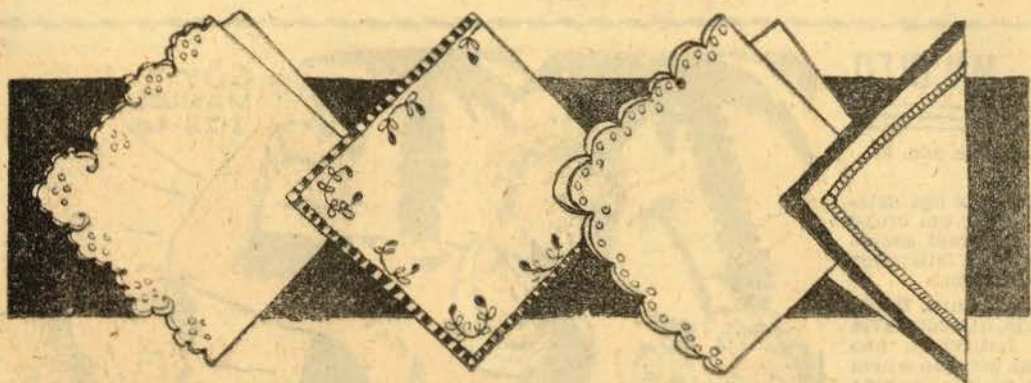
Inda acabado não tinha Tão maldoso pensamento Quando, de súbito, — ó céus!... —



Ao pobre do invejoso, Por mal dos pecados seus, Falta-lhe o ar. Num momento Sente a goêla tapada E, não lhes digo mais nada, Se não lhe acode a Mimi; Morreria mesmo ali.

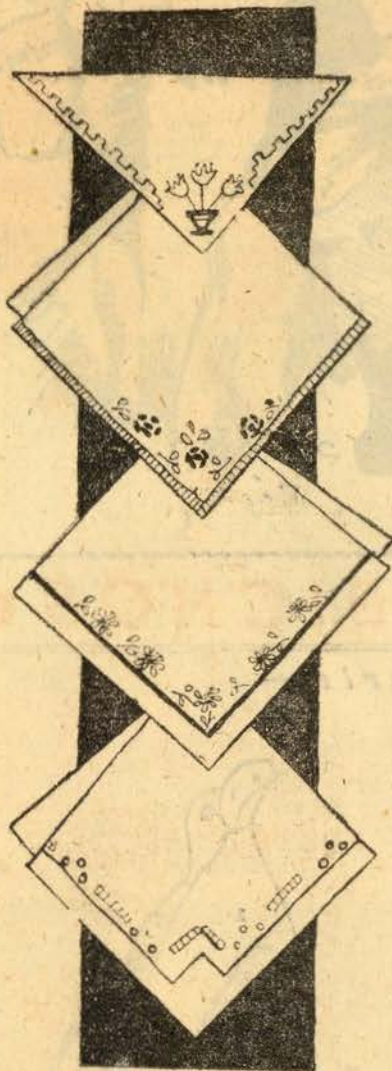
.....  
Meu amiguinho: Afinal Tem um conceito esta história Aprende-lhe a sã moral E grava-a bem na memória.

A inveja, nunca o esqueças, E' sentimento mesquinho E o mal que aos mais apeteças, Pode sair-te ao caminho.



Apresento, hoje, às minhas amiguinhas, oito modelos de lenços para serem feitos pelas vossas hábeis mãozinhas.

As linhas para bordar devem ser da marca «D. M. C.» O emprêgo da côr, depende do vosso gôsto.



## Secção de pintura, bordados e arte aplicada

Por ARLETE LOPES NAVARRO

QUEM PERTENCEM ESTAS PERNAS?

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Continuação da página 3

Pierre e Jeanne estão ansiosos.

Sentem o coração em grandes saltos.

Mas não querem desistir. Eles sabem que é bonito ser-se corajoso e não têm medo de imaginários «papões».

Levando-os pela mão, um de cada lado, entram no edifício.

O que há lá dentro?... O que vimos?... O que nos sucedeu?...

Tenho pena que a falta de espaço no «Pim-Pam-Pum» não permita satisfazer já hoje a natural curiosidade dos meus leitorzinhos, o que prometo fazer num dos próximos números.



QUERIDOS LEITORZINHOS:

A fim de avallarmos a vossa perspicácia, isto é, a vossa es-  
perteza, recortem a gravura acima e mandem-no-la pelo correio,  
depois de terem escrito, sobre cada quadradinho, os nomes dos  
profissionais a quem deverão pertencer as respectivas pernas.

(Continua no próximo numero)

O COQUEIRO MALDITO

(Continuado da pág. 6)

contarei isto aos feiticeiros das cataratas, porque é preciso ser um bruxo autêntico para se permitirem procedimentos semelhantes, e os feiticeiros nessa altura me desobrigarão!»

Jimmy Clarks sorriu de novo. Desde que viera para a Liberia, quando ouvia contar histórias de feiticeiros, não lhes prestava nenhuma atenção e nem sequer as tomava a sério! Contudo voltou-se para Jokambo e perguntou-lhe:

— «é verdade, isto?»

— «sim, é verdade! respondeu o interpelado, com uma franqueza que, para ele mesmo, tinha já qualquer coisa de ambíguo. Eu fiz o coqueiro «tabu» segundo os princípios sagrados dos feiticeiros, porque eu tenho o primo feiticeiro... Agora, o mau espírito o habita. E quem se deite a sua sombra morrerá imediatamente. Mas eu preveni Wadali; ele não deve dormir debaixo do quinto coqueiro!»

— «Eu nunca deixarei de dormir à sua sombra, porque eu afirmo que tu mentas!» replicou Wadali, furioso.

A discussão ameaçava recomeçar. Erguendo os ombros, o dono da plantação pôs fim a esta disputa, conduzindo Wadali consigo e fazendo-o incorporar num grupo diferente (o que trabalhava no outro extremo da plantação).

(Continua no próximo número)



NO REINO DOS BICHOS

—(Desenhos para Colorir)—

alimentando-se de gafanhotos, se torna muito útil à agricultura.

Podem colorir-lo com as seguintes cores: preto (1), azul (2), verde (3), encarnado (5), roxo (6) e, por último, amarelo (7). O tronco é castanho.

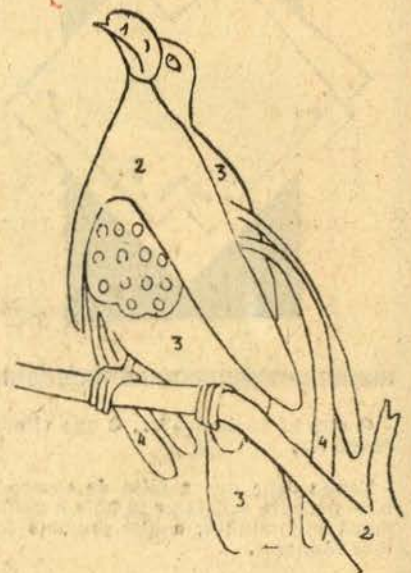
CURIOSIDADE ZOOLOGICA

Os animais das regiões quentes, transportados para países frios, vêm a sua pelagem crescer e transformar-se numa cobertura protectora: o porco, transportado da Europa para as montanhas frias do Norte, cobre-se duma espessa camada de lá. Pelo contrário, os animais que, de regiões frias se deslocam para as quentes, perdem o pêlo: o carneiro e o boi, deslocados para a planície de Mariquita, são glabros: os pintos e as galinhas, no Peru, nascem e persistem sem penas ou com muito poucas.



CORACIA

Aqui têm os meus meninos uma ave das nossas colónias. É um passarinho encantador que,



SOMIOPTERO

Este passarolo dos trópicos, ficará bem bonito se for colorido. O bico é amarelo (1). O peito e as asas são verdes (2), o corpo e a cauda, cas-

tanhos (3). Para o «colete» escolham o lápis verde. As pintas são encarnadas, bem como as penas das asas. Falta colorir o tronco. Podem usar a cor verde (2).